



Introdução ao Texto Literário na Primeira Turma de Licenciatura em Educação do Campo – Habilitação em Linguagens e Códigos (UFMS): Relato de Experiência

Introduction to the Literary Text in the First Class of Degree in Field Education - Qualification in Languages and Codes (UFMS): Experience Report

SILVA, Jucelia Souza da¹

¹Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, jucelia.silva@ufms.br;

Resumo: A experiência com a primeira turma de Licenciatura em Educação do Campo na área de Linguagens e Códigos proporcionou uma troca significativa durante as atividades de introdução ao texto literário. Os objetivos deste relato são (01) divulgar e promover um ensino onde o texto literário esteja no centro das atividades que envolvam a língua e o processo de leitura e (02) evidenciar a própria Educação do Campo ao tratar dos simbolismos que a arte literária faz alcançar na forma de emancipação humana também aos alunos camponeses como direito humano. Para tanto, utilizamos da contribuição dos pressupostos da Teoria Literária, na forma de análise do texto literário, o que proporcionou à turma espaço propício à reflexão crítica e acesso introdutório ao arsenal cultural produzido pela humanidade.

Palavras-chave: Ensino, Literatura, Leitura.

Abstract: The experience with the first group of Degree in Field Education in the area of Languages and Codes provided a significant change during the activities of introduction to the literary text. The objectives of this report are (01) to divulge and promote a teaching where the literary text is at the center of the activities involving the language and the reading process and (02) evidence the Field Education itself in dealing with the symbolism that literary art does to achieve, in the form of human emancipation, the peasant students as a human right. For that, we use the contribution of the presuppositions of Literary Theory, in the form of analysis of the literary text, what gave the group space conducive to critical reflection and introductory access to the cultural arsenal produced by humanity.

Key words: Teaching, Literature, Reading.

Introdução

A primeira turma de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul teve entrada no ano de 2014, com três habilitações: linguagens e códigos, matemática e ciências humanas e sociais. Optamos por apresentar um relato de experiência das atividades desenvolvidas apenas na primeira habilitação descrita, no que se refere à centralidade do texto literário na sala de aula.

Uma discussão necessária quando se refere ao ensino da literatura é o processo de contato efetivo com textos literários. Desenvolver atividades que tragam esses textos



e promovam a familiarização mesmo com um público ainda iniciante na leitura é desafio tanto na escola quanto na universidade, principalmente, nesse momento em que a disciplina acaba de ser retirada da Base Nacional Comum Curricular da Educação Básica. Por isso, a formação de leitores maduros somente será possível quando tivermos também professores leitores.

A escola do campo há muito tempo que sofre as consequências de falta de acesso a materiais didáticos, estrutura, direitos. Geralmente o que sobra da cidade é que chega na escola em área rural, quando chega. Pela visita nos chamados Tempo Comunidade prevista na alternância formativa da Licenciatura em Educação do Campo e também nos relatórios de estágio obrigatório dos licenciandos, percebemos que os entraves são muitos, quando há biblioteca na escola, geralmente é com um número muito pequeno de livros; por vezes nem mesmo obras literárias há no lugar, apenas livros didáticos ou do tipo enciclopédico; bibliotecas que se formam por doações da comunidade, depósitos improvisados e outras vezes nem existe. Trazer o que há de mais elaborado do conhecimento produzido pela humanidade, trazer a arte, a leitura, a quem tem já sucateado os instrumentos de ensino, é uma tarefa a ser considerada no olhar sobre o currículo, no planejar e selecionar.

O campo brasileiro nem sempre foi silenciado. Há uma história tensa ainda a ser melhor contada. Nos últimos 20 anos a sociedade aprendeu que o campo está vivo. Seus sujeitos se mobilizam e produzem uma dinâmica social e cultural. A educação e a escola são interrogadas por essa dinâmica (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011, p.9).

Nesse sentido, desenvolvemos algumas atividades para introduzir os licenciandos em Educação do Campo na literatura, na leitura efetiva de textos e na compreensão que permite para além de receber o discurso do outro, dar respostas, contestar, comparar, intervir e até construir seu próprio discurso a partir da leitura.

Selecionamos as atividades com o conto “O enfermeiro”, de Machado de Assis, escritor brasileiro, para partilhar nesta exposição. Apesar de ser um dos escritores ditos clássicos da literatura brasileira, por vezes escapa à leitura de estudantes ainda em formação, a quem muitas vezes são apresentados primeiramente seus romances. A barreira que fica se dá principalmente quando não há uma intermediação entre professor e estudante ao adentrar em uma linguagem não muito familiar, a desvendar os sentidos do texto, os jogos de enunciação a partir das escolhas de ponto de vista do narrador, ao perceber os papéis das personagens, seus conflitos, o contexto social onde essas estão inseridas e os pronunciamentos temáticos por trás da ficção. Unir literatura e as questões da sociedade na escola deveria ser algo natural, já que todo texto literário, mesmo que não propriamente ao estilo da chamada literatura engajada, traz em seu simbolismo a discussão dos dilemas humanos e o mover histórico de um determinado tempo. Iniciar com um conto pode ser uma alternativa às primeiras leituras de um escritor que ainda não é familiar ao público em formação. Justificamos a escolha não apenas pela extensão, mas pelas possibilidades de desenvolver as



diversas formas de análise levando em conta o texto integral, considerando as estruturas narrativas em diálogo umas com as outras e não optando apenas por uma delas devido ao tempo em sala de aula e, principalmente, por esse gênero de texto apresentar características importantíssimas que lhe são próprias.

Antônio Cândido em seu ensaio *O Direito à Literatura*, defende a ideia de que a literatura é um direito humano que não pode ser negado às classes mais pobres da sociedade, sob pretextos os quais forem.

Penso na sua distinção entre 'bens compressíveis' e 'bens incompressíveis', que está ligada a meu ver com o problema dos direitos humanos, pois a maneira de conceber a estes depende daquilo que classificamos como bens incompressíveis, isto é, os que não podem ser negados a ninguém (CANDIDO, p. 173).

É pensando nessa perspectiva, que diante de direitos usurpados, que

A Educação do Campo não fica apenas na denúncia do silenciamento; ela destaca o que há de mais perverso nesse esquecimento: o direito à educação que vem sendo negado à população trabalhadora do campo. [...]. O direito à educação foi vinculado a uma concepção abstrata de cidadania, e não fomos capazes de chegar à concretude humana e social em que os direitos se tornam realidade (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011, p. 9-10).

O crítico Antônio Cândido defende a ideia de que cada época e cada cultura define o que é essencial à sociedade, de acordo com critérios que lhe são peculiares. Segundo ele,

[...] são bens incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura (CANDIDO, 1970, p. 174).

Visto dessa forma, o acesso à literatura é bem mais que uma oportunidade de entretenimento, mas um modo do sujeito desenvolver-se nas práticas sociais cotidianas. Bem mais que saber ler para identificar uma placa, como principalmente para interpretar o mundo e posicionar-se. Assim como também evidencia Rildo Cosson:

Aquele que não sabe ler não tem acesso aos diplomas, nem ao poderoso mundo das informações e certamente terá dificuldade de ler os filmes e outros produtos culturais que possibilitam uma formação alternativa à escola. Vive, assim, à margem de nossa sociedade e tudo aquilo que ela oferece por meio da escrita (COSSON, 2017, p. 33).



É ingênuo pensar que basta ao aluno ser alfabetizado para constituir-se leitor crítico, ele necessita de um letramento de mundo bem mais amplo, inclusive aos símbolos culturais e artísticos que lhe permitem intervir de modo crítico e problematizar as diferentes significações da linguagem em variados contextos. Por isso,

Ao contrário do que as reportagens ingênuas sobre os recém-alfabetizados fazem parecer, não é porque conseguirão doravante ler placa de ônibus ou ler a carta do parente que mora distante que um adulto se esforça para aprender a ler. Essas são ações triviais as quais podem ser facilmente supridas de outra maneira que não por meio do processo, muitas vezes custoso, de alfabetização. O que o domínio da escrita lhe permite é uma nova forma de interação com um mundo do qual faz parte, mas do qual não tinha meios para participar plenamente. Saber ler, apropriar-se da escrita, não torna uma pessoa mais inteligente ou mais humana, não lhe concede virtudes ou qualidades, mas lhe dá acesso a uma ferramenta poderosa para construir, negociar e interpretar a vida e o mundo em que vive (COSSON, 2017, p. 33).

É por essas e outras questões que o comprometimento com um ensino de qualidade precisa acontecer, acima e apesar de qualquer iniciativa por parte do sistema oficial. Cabe principalmente ao professor planejar, pensar, traçar estratégias de ensino considerando seu público dentro do contexto de pertencimento. Isso requer compreender as particularidades culturais, os desafios inerentes dentro de uma forma de trabalho e de permanência no lugar onde se vive, seja no campo ou na cidade, no centro ou na periferia, considerando que cada lugar traz consigo todo um universo de saberes e formas próprias de superar as desigualdades, aliadas à educação, podem ser instrumentos de emancipação humana.

Metodologia

A primeira atividade com o conto foi a própria leitura do mesmo com a turma de licenciatura. Primeiramente a leitura se deu a partir das possibilidades do título da obra e do que os alunos já conheciam do autor: quem seria o enfermeiro, o que se espera de um profissional dessa área, quem desempenha este papel, qual a relação com o paciente etc. Em seguida, fizemos a leitura em voz alta com várias pausas ao longo da narrativa para recompor o enredo e perceber se a turma estava conseguindo acompanhar a linguagem e as informações e pistas deixadas pelo narrador.

A segunda atividade em torno da narrativa foi a versão em filme de curta metragem de “O enfermeiro”, dirigido por Mauro Farias (1999). Realizamos a exibição até certo ponto da história. No intervalo entre o que foi assistido e o desfecho, houve espaço para a turma debater sobre as possibilidades que o cinema pode criar para manter ou recriar o final. Após isso, realizamos uma atividade com cenas do filme para compararmos as duas linguagens: cinema e literatura, no que se refere ao narrador literário; narrador do filme, posições da câmera, enquadramentos; dentre outras leituras possíveis ressaltando a progressão do efeito de sentido pretendido.



A terceira atividade foi analisar e destacar cada personagem da narrativa e pensar em suas particularidades dentro das possibilidades da obra. A partir disso, cada aluno da turma tomou para si uma das personagens para organizarmos um júri simulado para o enfermeiro. Alguns alunos desempenharam o papel de advogado e promotor, juiz, policial. Várias leituras se seguiram da obra para observar os detalhes e pistas possíveis para serem utilizadas, pensar na personalidade das personagens a testemunharem o possível assassinato. No encerramento do semestre, ocorreu o júri simulado, quando alunos e professores de outra turma, também da Licenciatura em Educação do Campo, compuseram o quadro de jurados. A turma se caracterizou e montou o roteiro mínimo para organização do júri.

Resultados e discussões

A presença efetiva de textos literários em sala de aula proporcionou a muitos alunos da turma os primeiros contatos com a literatura. As experiências de alguns na educação básica consistiram basicamente em estudos de chaves temáticas, leitura de trechos de obras em livros didáticos, ou estudos da vida de escritores e contexto histórico sobre períodos literários, mas pouco com a leitura do texto de fato.

Essa ausência trouxe dificuldades para leituras mais elaboradas, para experimentar o contato com obras mais extensas ou que necessitavam maior atenção para atribuição de sentido. Quando a leitura em voz alta com a turma foi realizada, já no início, foi possível perceber uma abertura e curiosidade positiva. As dificuldades de interpretação do texto foram superadas rapidamente com as trocas coletivas da leitura partilhada.

O acesso ao literário, enquanto construto simbólico e cultural permitiu aos licenciandos para além de um momento descontraído de leitura, desenvolver estratégias interpretativas mais complexas, repensar e reconhecer ironias contidas no discurso, explorar as diferentes estruturas do texto que também contribuem com o sentido global da obra.

Conclusões

Ao final, a turma devolveu positivamente os objetivos pretendidos com as atividades ao redor do texto literário, assim como da linguagem cinematográfica. O olhar crítico diante dos temas e dos mecanismos de construção simbólica da arte literária foi visível diante das devolutivas. Sabendo que diante de tantos direitos e recursos negados aos estudantes do campo, respeitando e trazendo ao diálogo as particularidades da comunidade local, o conhecimento elaborado científica e culturalmente não pode



chegar como recorte, por isso, também é preciso garantir aos camponeses o acesso à arte, ao literário, aos níveis mais profundos de interpretação da linguagem humana.

Referências bibliográficas

ASSIS, M. O enfermeiro. In: **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 60-68.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Duas cidades / Ouro sobre azul, 1970. p. 169-191.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2017.

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. [org.]. **Por uma educação do campo**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.